

MAINGUENEAU, Dominique. *Analyser les textes de communication*. Paris, Dunod, 1998.

*Alice Yoko Horikawa*

Contra-pondo-se à idéia de que o processo de apreensão de sentidos seja um processo linear no qual o destinatário simplesmente decodifica o enunciado de seu locutor, bastando para isso mobilizar o conhecimento do léxico e da gramática da língua, Maingueneau nos expõe alguns mecanismos utilizados no processo de interpretação que provam a importância central do contexto e do papel do receptor na compreensão dos sentidos. Parte-se do pressuposto básico de que o enunciado não possui um sentido fixo e por isso fora do contexto em que foi proferido torna-se insustentável. O sentido só pode ser apreendido se atribuído a um sujeito particular que, localizado num tempo e lugar determinados, dirige-se a outros com alguma intenção. Dada a noção de que o contexto não é preestabelecido nem estável, ressalta-se o papel ativo do receptor no sentido de participar da construção desse contexto.

Por mais simples que possa parecer um enunciado, o receptor só apreende seu significado se mobilizar várias instâncias do conhecimento.

Inicialmente, é necessário que ele reconheça o enunciado como tal, isto é, como uma seqüência de signos proveniente de uma fonte enunciativa em que está localizado um sujeito embuído de uma intenção. As condições materiais de apresentação também dizem muito sobre o sentido de um enunciado. Para compor a interpretação, o receptor deve apreendê-las, mobilizando seu conhecimento de mundo. Além disso, para que o receptor reaja ao enunciado, é necessário que ele reconheça no enunciado o seu valor pragmático, isto é, a relação que pretende estabelecer com o destinatário. Maingueneau explora essas idéias nos expondo alguns aspectos do enunciado, a saber: as marcas lingüísticas, a ancoragem na situação de enunciação, os contextos e a interpretação construída a partir de procedimentos pragmáticos.

Com relação às marcas lingüísticas, Maingueneau aponta o valor do infinitivo, no sentido de marcar as diferenças entre o sujeito do enunciado e o enunciador. Por vezes, o infinitivo marca a coincidência entre o sujeito e

o enunciador, como por exemplo em: A carne é triste, pobre de mim! E eu li todos os livros/ Fugir! Para longe fugir! Essa coincidência não se repete, por exemplo, no enunciado Não Fumar, em que o infinitivo institui como sujeito o seu próprio leitor. Já em É Proibido Fumar, o sujeito se refere ao conjunto dos fumantes. Embora reconheça o valor do infinitivo, Maingueneau nos alerta para o fato de que o seu sentido só pode ser integralmente compreendido se inserido no contexto de sua enunciação e relacionado com vários outros discursos que sustentam a interpretação dada, isto é, o seu interdiscurso.

Para falar em ancoragem na situação de enunciação, Maingueneau refere-se aos dêiticos, afirmando que a maioria dos enunciados possuem marcas que remetem diretamente ao contexto da enunciação e às quais o destinatário deve estar atento para construir a significação. Exemplificando com o enunciado “Esta sala é um espaço reservado a não-fumantes”, o autor nos aponta as marcas lingüísticas que só podem ser interpretados estabelecendo-se uma relação com a situação de enunciação. Assim, esta remete ao ambiente físico da enunciação, marcando inclusive a posição do sujeito, assim como o presente do verbo ser remete ao tempo da enunciação, indicando a sua duração.

Nesse tocante, Maingueneau adverte para as distinções do tempo presente: sua duração varia de acordo com o contexto em que o verbo é utilizado, há presentes com duração mínima, com duração média ou com duração indeterminada, como é o caso do nosso exemplo. Maingueneau ainda salienta que um dêitico não necessariamente vem marcado lingüisticamente, sua marca pode vir carregada no conteúdo do enunciado. Exemplos como Que carro! mostram claramente uma reação do enunciador diante de um objeto presente no ambiente da interlocução.

Por fim, o autor ressalta a impossibilidade de se construir interpretações sem se reportar a algum tipo de contexto. Mesmo os exemplos descontextualizados da gramática tradicional só se tornam viáveis no contexto do manual de gramática.

Para referir-se aos contextos, Maingueneau propõe uma distinção entre contexto situacional e cotexto. O contexto situacional diz respeito especificamente ao ambiente físico, ao momento e ao lugar da enunciação, conforme foi abordado no tema da ancoragem na situação de enunciação. O cotexto, por outro lado, remete ao contexto lingüístico do enunciado, isto é, as referências de pessoa, tempo e lugar são identificadas no próprio enunciado e não na situação de enunciação. As-

sim, o destinatário deve estar atento à seqüência verbal, de forma a discernir essas referências e proceder uma interpretação adequada. Para reorganizar o contexto, o receptor precisa mobilizar a sua capacidade de fazer retomadas a referências anteriores para desvelar as relações presentes no texto.

Quanto aos procedimentos pragmáticos, Maingueneau destaca a importância de outros recursos, que não só os lingüísticos, que devem ser utilizados pelo destinatário para apreender o sentido do enunciado. Nesse caso, ele empreende um esforço de raciocínio, mobilizando seus conhecimentos de mundo, de maneira a compreender o objetivo da enunciação.

Maingueneau nos exemplifica, apoiando-se em Ducrot, uma estratégia pragmática marcada pela conjunção Mas. Seu uso estabelece para o destinatário um conjunto de instruções que conduz sua interpretação. Na seqüência de proposições P MAS Q, pressupõe-se uma conclusão R determinada por P e uma conclusão não-R determinada por Q. Baseado nessa instrução, o destinatário levanta hipóteses para explicitar as proposições implícitas R e não-R.

Toda a explanação de Maingueneau nos atesta o papel ativo do destinatário na construção dos sentidos.

Para construir uma interpretação, o destinatário deve analisar o contexto e retirar dele as informações que a fundamentam. Essas informações não estão restritas aos elementos lingüísticos, daí a importância dos procedimentos pragmáticos que, por sua vez, estão condicionados ao conhecimento de mundo por parte do destinatário.

Essa relação de dependência entre o enunciado e os procedimentos pragmáticos determina, em grande parte, a ausência de transparência na linguagem. Decorre daí a pluralidade de interpretações.

Diante dessa possibilidade, faz-se necessário uma explicação dos procedimentos mobilizados pelo destinatário que o fizeram chegar a uma determinada interpretação. Segundo Maingueneau, essa tarefa de análise coloca uma questão importante para a lingüística:

uma vez que o conhecimento da língua está longe de ser suficiente para interpretar um enunciado, sendo preciso recorrer a procedimentos pragmáticos ligados ao contexto, qual é, respectivamente, a contribuição do sentido lingüístico e a do sentido obtido pelos procedimentos pragmáticos?